

O Balneário Pré-Romano de Braga

por Francisco Sande Lemos ^(*), José Manuel Freitas Leite ^(**), Ana Bettencourt ^(***) e Marta Azevedo ^(****)

^(*) Arqueólogo, Assessor Principal da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM).

^(**) Arqueólogo, Técnico Superior da UAUM.

^(***) Professora Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais.

^(****) Licenciada em História, Ramo de Arqueologia, pela Universidade do Minho, Colaboradora da UAUM.

1. Introdução

As circunstâncias em que a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM) assumiu a responsabilidade pelo acompanhamento arqueológico de um sector do empreendimento "Linha do Minho: Ramal de Braga. Remodelação do Troço Nine-Braga" foram as seguintes: a empresa FBO Consultores SA, convidou a Emerita para a execução das medidas 61 (acompanhamento da obra) e 64 (sondagens arqueológicas na Estação de Braga), propostas pela DIA (Declaração de Impacte Ambiental). Alertado por um dos autores (FSL) para a sensibilidade da área compreendida entre a passagem de nível e o limite da via férrea, cujo subsolo poderia conter, entre outros, vestígios romanos de um anfiteatro (MORAIS 2001), de uma necrópole, da rede viária secundária, bem como outras estruturas a eles associadas, o Eng.º João Caninas, responsável da empresa de Arqueologia supra referida, transmitiu ao seu cliente ser do maior interesse que fosse a UAUM a proceder às indispensáveis sondagens arqueológicas e ao respectivo acompanhamento naquele espaço, o que foi aceite. Deste modo, a Emerita é responsável pelo troço entre Nine e Braga (freguesia de Maximinos), enquanto que a UAUM assumiu a vigilância dos desastros, a partir da passagem de nível que precede a área do terminal ferroviário (ver Fig. 1).

Em Outubro de 2002 principiou o acompanhamento dos primeiros desastros. Decorridos mais de 10 meses sobre o começo dos trabalhos, a possibilidade de se encontrarem vestígios do anfiteatro, ou de estruturas anexas, parece remota ou pouco provável. O alargamento da linha férrea não atinge a zona onde a análise da fotografia aérea permite supor que se conservem os

alicerces do monumento. Também não se registaram achados de bases ou fustes de colunas, nem mesmo elementos de arquitectura, em contexto revolvido, pelo que se pode deduzir que as ruínas do edifício, a existir no local proposto por Rui MORAIS (2001), com sólidos argumentos, não terão sido afectadas pelas obras da linha em 1871-1875.

De qualquer modo, os resultados científicos do acompanhamento têm sido muito proveitosos. A equipa em campo, formada pela licenciada Marta Azevedo e pelo técnico Vladimiro Pires, sob a orientação de Francisco Sande Lemos e José Manuel Freitas Leite, recolheu um conjunto de dados, procedendo a registos, sondagens e escavações que aumentaram os conhecimentos sobre a história da cidade e sua periferia.

O registo sistemático de todas as estruturas que integram o terminal ferroviário edificado no séc. XIX, permitirá, no futuro, redigir uma minuciosa monografia sobre as técnicas de construção da época, designadamente do complexo ferroviário: a forma e estrutura dos diversos imóveis anexos (oficinas, armazéns de mercadorias, etc.); o modo como foram assentes os carris; a complexa rede de saneamento e de drenagem de águas pluviais subjacentes ao complexo; a qualidade construtiva de todo o conjunto, incluindo os edifícios, com poderosos alicerces em pedra, apoiados na rocha firme. Todos os documentos relativos a este aspecto do trabalho arqueológico encontram-se devidamente organizados, aguardando que algum investigador da área da Arqueologia Industrial os estude com o necessário saber.

Por outro lado, confirmando indícios já recolhidos no acompanhamento arqueológico da variante à EN-14 (anos de 2000-2001), que corre paralela, a Oeste da li-

abstract

First results of the archaeological work carried out when a stretch of the railway was renovated near Braga, at a place where remains of the Roman *Bracara Augusta* might be preserved.

Surprisingly, the discovery of a pre-Roman bath raised interesting scientific issues and seemed to confirm the ideas of the people who claim that the hill where *Bracara* was built was the convergence point of meetings and markets of the different communities which made up the *Bracari* people.

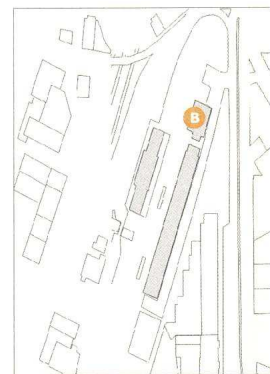
résumé

Premiers résultats de l'intervention archéologique d'accompagnement et de réhabilitation d'un tronçon de ligne ferroviaire près de la ville de Braga, dans un lieu où pourraient être préservés des vestiges de la romaine *Bracara Augusta*.

Etonnamment, la découverte d'un bain pré-romain a suscité d'intéressantes questions à caractère scientifique, semblant renforcer la thèse de ceux qui soutiennent que la colline où a été édifiée *Bracara* fut le point de réunion et de commerce des diverses communautés qui formaient les *Bracari*.

Figura 1

Planta da estação ferroviária com a localização do balneário (B).





Figuras 2 e 3 ↑

Em cima, panorâmica genérica do balneário.

Em baixo, a pedra de acesso à câmara, vista do interior da mesma.

nha férrea, detectámos e realzámos sondagens num conjunto de leitos fósseis de antigas ribeiras.

Assim, foi possível identificar paleo-canais das seguintes épocas: Pré-História Recente (Calcolítico?); Idade do Ferro; Romanização (primeira metade do séc. I); e Idade Moderna.

Nos sedimentos correspondentes à linha de água mais antiga recolhemos seixos de quartzo talhados, núcleos de quartzo, lascas e lamelas do mesmo material, bem como raros fragmentos de cerâmica manual muito fragmentada, ou boleada do Calcolítico e da Idade do Ferro Inicial e Final, de fabrico manual e cozedura redutora. Julgamos que este antigo ribeiro drenava as águas de um pequeno vale, ou encosta, onde foi implantado um povoado pré-histórico, o que explica os fragmentos cerâmicos muito erosionados e corroídos. Como até este momento não foi descoberto nenhum povoado da época na área da cidade de Braga, podem levantar-se duas possibilidades para o local do possível *habitat*: o vale correspondente ao enfiamento das ruas do Souto e D. Diogo de Sousa; a encosta Noroeste da colina do Alto da Cividade. A descoberta da ribeira fóssil na zona da Estação permitirá estar mais atento às futuras intervenções nas referidas áreas da cidade.

Como se sabe, o mais antigo povoado descoberto na cidade remonta à Idade do Bronze, aos primórdios do I milénio a.C. e localiza-se no Alto da Cividade. Foi assinalado, de forma muito vaga e pela primeira vez em 1956 (FIEIO 1984: 98), identificado como tal em 1978 por um dos autores (FSL) e estudado em pormenor por Ana BETTENCOURT (2000).

Pelos materiais observados durante a escavação dos sedimentos da antiga ribeira, julgamos que se refe-

rem a um período ainda mais recuado que a Idade do Bronze. O leito fóssil do curso de água atribuído à Idade do Ferro está directamente relacionado com uma estrutura coeva adiante descrita.

Inseríveis no contexto da romanização foram registados vários depósitos sedimentares, que indicam oscilações de leito, o que é aceitável se considerarmos que, no local da ECFB, convergiam duas linhas de água que desciam para o Cávado, uma proveniente de Sul e outra de Leste. Curiosamente os materiais recolhidos nos cortes abertos pelas máquinas e nas sondagens arqueológicas específicas, restringem-se à fase inicial de *Bracara Augusta* (transição de Era e 1ª metade do séc. I d.C.). Já no acompanhamento da construção da variante à EN-14 tínhamos encontrado leitos fossilizados desta mesma linha de água.

Sobrepondo-se em diversos pontos aos paleo-canais acima referidos, registámos ainda uma ribeira com materiais da Idade Moderna. Também este antigo leito da Idade Moderna já fora detectado por altura dos trabalhos arqueológicos relacionados com a variante.

Mas o resultado mais interessante foi a descoberta de um balneário pré-romano, o que foi uma surpresa completa e que suscita algumas interessantes questões de ordem científica.

2. O Balneário

No dia 3 de Fevereiro de 2003, aquando da perfuração do terreno para implantação de estacarias em betão, necessárias à execução do projecto da nova gare, foram identificados alguns elementos arquitectónicos, entre os quais um elemento de fuste estriado, que apontavam para a existência de uma qualquer estrutura arqueológica naquela zona. Perante tal indício, a equipa directamente responsável pelo acompanhamento comunicou de imediato a ocorrência aos responsáveis científicos (Sande Lemos e José Manuel Freitas), que por sua vez contactaram os responsáveis da REFER, no sentido de se interromperem, temporariamente, os trabalhos naquela área, por forma a garantir a limpeza e subsequente escavação do local, pedido que foi aceite. Pretendia-se, deste modo, avaliar a verdadeira importância do achado.

Todavia, a intervenção arqueológica acabaria por se iniciar uma semana depois, já que tivemos que esperar que as perfurações, entretanto abertas, fossem injectadas com betão.

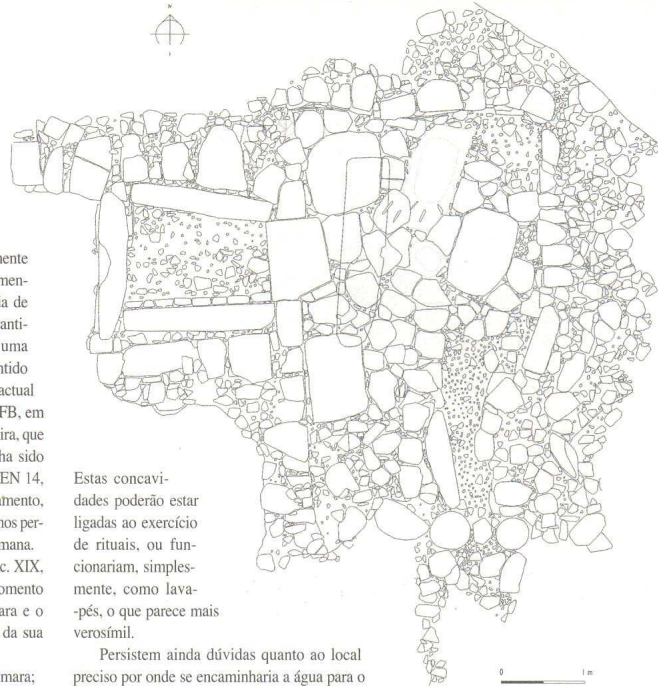
Assim, a partir do dia 10 de Fevereiro, no decorrer da prévia operação de limpeza, cedo verificámos estarmos perante uma estrutura associada à água, porquanto numa laje disposta verticalmente, era visível um recorte semicircular, evidenciando sinais claros de desgaste. Os ulteriores trabalhos puseram a descoberto um conjunto de muros que delimitam espaços muito precisos, não oferecendo grandes dúvidas quanto à sua funcionalidade.

Tratava-se de um balneário, semelhante aos que foram identificados em Britzeiros, em Sanfins e noutros sítios, presumivelmente de época pré-romana, ideia de resto, partilhada por todos os arqueólogos que visitaram o local.

Implantado com uma orientação sensivelmente Este/Oeste, ocupando uma área de aproximadamente 72 m² e com uma altura máxima conservada de 1,20 m, o monumento localiza-se a Nordeste do antigo edifício da Estação, na margem direita de uma possível antiga linha de água que corria no sentido Nordeste/Sudoeste, num trajecto que descia da actual Rua do Souto, passando pelo sítio da actual ECFB, em direcção ao Rio Cávado. Esta antiga pequena ribeira, que garantiria o abastecimento do balneário, já tinha sido detectada aquando da construção da Variante à EN 14, voltando a ser identificada no actual acompanhamento, onde foi objecto de uma pequena intervenção, que nos permitiu concluir ter sido desactivada em época romana.

Parcialmente mutilado, talvez em finais do séc. XIX, aquando das obras de construção da ECFB, momento em que lhe terá sido amputada parte da Câmara e o forno, o monumento conserva ainda boa parte da sua estrutura original:

- o arranque dos muros laterais Norte da câmara;
- a antecâmara, de planta sub-retangular que se conserva em bom estado, com 1,70 m de comprimento interno e 2 m e 1,55 m de largura máxima e mínima. O lado Oeste (o mais largo) é ocupado na sua totalidade pela "pedra formosa" de 0,31 m de espessura, 0,83 m de altura e 1,74 m de comprimento, com o recorte típico semicircular na parte inferior, com 0,43 m de largura e 0,38 m de altura, que ligava este compartimento à câmara; o pavimento original, constituído por pedras de média dimensão regulares que não foi escavado na íntegra por razões de conservação; os monolíticos lavrados utilizados como bancos pelos utentes (0,30 m de largura e 1,74 m de comprimento); as ombreiras de entrada e o respectivo lintel, deslocado do seu lugar original, também ele monolítico lavrado, tendo sido recortado no centro superior em forma de U (recto), onde assentava uma viga em madeira que suportava a cobertura do monumento.
- o átrio, pavimentado em grandes lajes de granito de planta rectangular, com 4,72 m de comprimento e 2,80 m de largura, apresenta-se escalonado de forma pouco pronunciada em dois níveis, cuja diferença de cota oscila entre os 15 e 20 cm. O nível mais elevado ocupa o quadrante Sudoeste e parece marcar a entrada e saída do monumento; o nível inferior, indicia que seria continuamente invadido por regolhos de água. Refira-se que duas das lajes que integram o pavimento, uma localizada a Norte, a outra no enfiamento da entrada para a antecâmara, foram talhadas em forma de pia, sendo que a primeira é mais ampla e profunda, com 18 cm de profundidade, e teria ali sido colocada com o propósito de receber as águas que alimentariam o monumento, eventualmente através de uma calreira entretanto desmantelada.



Estas concavidades poderão estar ligadas ao exercício de rituais, ou funcionariam, simplesmente, como lavapés, o que parece mais verosímil.

Persistem ainda dúvidas quanto ao local preciso por onde se encaminharia a água para o monumento, se através do sistema de conduta acima descrito, se por uma abertura perceptível sensivelmente a meio do embasamento da parede Oeste, afigurando-se esta hipótese como a mais plausível, uma vez que a drenagem se faria através de uma pequena abertura a Sul, limitada por dois elementos de fuste toscamente talhados. De facto, numa faixa com cerca de 40/50 cm que liga aquela abertura à boca de saída, assiste-se a uma total ausência de lajes, que são substituídas por um espesso sedimento arenoso de origem aluvionar. Na proximidade do cunhal Noroeste deste compartimento, a toda a altura e na face interna da parede Oeste, aparece um monolítico de pouca espessura, talhado em forma semi-cónica, cuja parte superior ligeiramente ovalada apresenta alguns raios pouco incisos com origem num pequeno orifício central, desenhando metades de gomos com algum rigor simétrico.

Os limites do monumento parecem estar perfeitamente definidos, embora a presença a Sul de uma grande mancha negra, constituída por cinzas e carvões e com um número considerável de elementos graníticos calcinados, suscite várias hipóteses:

- uma zona de depósitos de limpeza do forno, à semelhança dos monumentos de Sanfins e de Santa Maria de Galegos;
- uma estrutura complementar de aquecimento do balneário;
- possibilidade de estar associada a rituais autóctones, que podiam incluir cremações de matéria vegetal ou mesmo de animais, assim sacrificados. Foram recolhidas para análise grandes quantidades de sedimentos

Figura 4

Planta do Balneário.

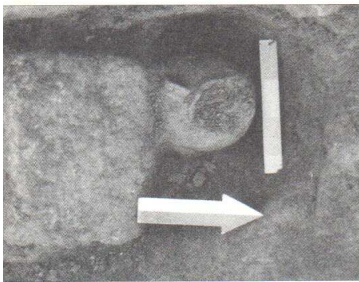


Figura 5 ↑

Peça de cerâmica detectada junto a alicerces do muro Este do pátio.

desta zona, cujo estudo pode proporcionar resultados interessantes, que confirmarão ou não as hipóteses ora avançadas.

Com base nos materiais cerâmicos exumados, reportamos para um período pré-romano a época da sua construção (Idade do Ferro Inicial) pois foi descoberta uma fossa de deposição ritual contendo um vaso da forma 10 de A. BETTENCOURT (2000) e forma 2 da fase II de M. MARTINS (1990) e um fragmento de

um vaso bordo esvasado, lábio arredondado, de pasta arenosa/micéica, grosseira, de acabamento alisado e cozedura redutora. A base é de fundo plano simples. Trata-se da forma 3 B da fase II de M. MARTINS (1990), definida, no topo, por um anel lítico e no fundo por um "leito" de pequenas pedras.

O nível de abandono, numa primeira análise, apenas forneceu materiais cerâmicos de produção indígena da Idade do Ferro recente.

De qualquer forma, futuras escavações em locais cirúrgicos do monumento e o subsequente estudo rigoroso por parte de especialistas nesta matéria, irá certamente proporcionar cronologias mais precisas quanto ao momento da sua construção e utilização.

Se é verdade que o truncamento que sofreu lhe retira alguma monumentalidade, o mesmo já não se poderá dizer em relação ao arcaísmo que evidencia, comparado com outros monumentos análogos instalados em povoados profundamente romanizados. A rudimentar técnica construtiva e a quase total ausência de motivos decorativos, são aspectos que podem ser considerados como sinais de antiguidade.

3. Considerações finais

A descoberta do Balneário da ECFB "ressuscita" a questão da origem da cidade de *Bracara Augusta*, tema que, de certo modo, tem estado adormecido.

Plínio refere-se à urbe como *oppidum*, o que levou numerosos autores a considerar a existência de um povoado fortificado da Idade do Ferro, o qual seria a capital dos *Bracari*.

De acordo com Schulten, a fundação de *Bracara* teria por base um acampamento romano.

Finalmente, Alain TRANOY (1981) considera que a colina onde foi erguida a nova urbe de Augusto terá sido um ponto de reunião e mercado das diversas comunidades que formavam os *Bracari*.

Como se articula o balneário com estas diferentes hipóteses?

Quanto há hipótese derivada da referência de Plínio, já se realizaram dezenas de intervenções sem que se tenham encontrado vestígios de qualquer estrutura habitacional relacionável com a Idade do Ferro.

A proposta de Shulten permanece em suspenso,

embora não tenham sido descobertos elementos arqueológicos ou epigráficos que a confirmem. Sabe-se hoje que tanto *Asturica* (SEVILLANA FUERTES e VIDAL ENCINAS 2002) como *Lucus* (RODRIGUEZ COLMENERO 1995) tiveram origem em acampamentos militares. Todavia, os historiadores consideram que a zona de conflito, nas guerras empreendidas por Augusto, não se estendeu à Galécia Meridional. De qualquer modo a existência de um balneário não seria incompatível com um acampamento militar, os quais, normalmente constituíam, como se sabe, pólos de atracção de populações.

Quanto à teoria de Alain Tranoy, é reforçada pela descoberta. Se a colina onde mais tarde se ergueu *Bracara Augusta* fosse um local de reunião tradicional dos *Bracari*, seria lógico que existissem um certo número de equipamentos de apoio, entre os quais um balneário.

Um aspecto que não tem sido devidamente salientado é a circunstância da maioria dos balneários identificados até esta data se localizarem na área dos *Bracari*: Citânia de Briteiros (Guimarães); Castro de Sabroso (Guimarães); Monte das Eiras e Vermoim (Vila Nova de Famalicão); Alto das Quintãs no Castro de Calvos (Póvoa de Lanhoso); Monte da Saia e Santa Maria de Galegos (Barcelos). Os restantes ocorrem em castros que se inserem em territórios de povos vizinhos dos *Bracari* (Citânia de Sanfins; Tongóbriga; Citânia de Roriz) ou surgem isolados (Sardoura – Castelo de Paiva; Coaña – Galiza). De resto, nunca foram descobertos monumentos semelhantes na área interior dos grandes povoados (Trás-os-Montes Ocidental).

De facto, há um conjunto de elementos habitualmente associados com a Cultura Castreja, em geral, e que predominam no território dos *Bracari* e dos *populi* vizinhos.

A terminar esta primeira notícia sobre as descobertas ocorridas no âmbito do acompanhamento arqueológico das obras do novo terminal ferroviário de Braga, cumpre-nos salientar a boa colaboração com a REFER e com a OBRECOL.



Bibliografia citada

- BETTENCOURT, A. (2000) – *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho.
- FEIO, Alberto (1984) – *Coisas Memoráveis de Braga*. Braga: Universidade do Minho.
- FONTES, Luís (1994) – "Inventário dos Sítios e Achados Arqueológicos do Concelho de Braga". *Mínia*, Braga, 3ª Série, 1 (1): 31-88.
- MARTINS, Maria Manuela (1990) – *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização de Bacia do Curso do Médio Cávado*. Braga: Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia, Monografias, 5).
- MORAIS, Rui (2001) – "Breve Ensaio Sobre o Anfiteatro de *Bracara Augusta*". *Forum*, 30: 55-76.
- RODRIGUEZ COLMENERO, António (1995) – *Lucus Augusti. Urbs Romana. Los Orígenes de La Ciudad de Lugo*. Lugo: Ayuntamiento de Lugo.
- SEVILLANA FUERTES, A. e VIDAL ENCINAS, J. M. (2002) – *Urbs Magnifica. Una aproximación a la Arqueología de Astúrcia Augusta (Astorga, León)*. Léon: Ayuntamiento de Astorga e Caja España.
- TRANOY, Alain (1981) – *La Galice Romaine*. Paris.